

Artes, paisagens e realidades expandidas no projeto Amazônia Mapping

*Arts, landscapes and expanded realities in the Amazon
Mapping project*

Sissa Aneleh Batista de Assis¹

Resumo

O artigo analisa a experiência e os trabalhos artísticos apresentados no Festival Amazônia Mapping: Realidades Expandidas, realizado no Norte do Brasil em 2020. Com a contribuição da realidade virtual, a paisagem amazônica e as arquiteturas urbana e histórica foram expandidas. Esses ambientes naturais e locais nunca antes foram tocados pela virtualidade em projetos de arte de festivais ou para exposição de trabalhos de artistas locais e nacionais. Para tanto, foi criada uma ilha virtual em 3D, inspirada em ilhas reais da Amazônia, para ser palco de projeções de trabalhos de mapeamento de vídeo, performances musicais, vídeos 360 VR e audiovisuais apresentados virtualmente e ao vivo. As obras do festival atualizam a arte contemporânea amazônica em sua versão ampliada, interativa e imersiva em realidades expandidas deslocando a cidade real para a floresta virtual.

Palavras-chave: realidade virtual, realidade aumentada, *video mapping*, performance, Arte Brasileira.

Abstract/resumen/resumé

The article analyzes the experience and artwork presented at the Amazon Mapping Festival: Expanded Realities, held in Northern Brazil in 2020. With the contribution of virtual reality, the Amazonian landscape and urban and historic architecture have been expanded. These natural and local environments have never before been turned into virtuality in art projects for festivals or for the exhibition of works by local and national artists. To this end, a 3D virtual illustration was created, inspired by the reality of the Amazon, to be the stage for video mapping work projects, musical performances, 360 VR videos and audiovisuals presented almost all year round. The festival's works update contemporary Amazonian art in its expanded, interactive and immersive version in expanded realities, relocating the real city to the virtual forest.

Keywords/Palabras clave/Mots clefs: virtual reality, augmented reality, video mapping, performance, Brazilian Art.

¹ Doutora e Mestre em Artes, Historiadora e Curadora. Pesquisadora de História da Arte, Mulheres Artistas, Gênero e Arte, Cinema. Membro do conselho editorial e científico da Editora Oribê (Brasília). Realizou a Curadoria da Exposição Coletiva Suburbanidades: A imagem da periferia na arte contemporânea (2020). Consultora de projetos de arte do Labic (Laboratório Inovação Cidadã), curadoria de Ivana Bentes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2020-2021).

A Amazônia é a obra de arte

Notável é que a Amazônia brasileira chama a atenção do mundo acerca de suas exuberantes e ricas fauna e flora. Neste artigo, irei mostrar outras qualidades deste ambiente natural, político, imaginário, relicário histórico e, por extensão, lugar da arte material e agora virtual também. Território de uma construção imagética original que se atualiza, transpassando gerações de artistas locais amazônicos - modernistas e contemporâneos - que não interferem na paisagem natural, mas a transformam em produção artística sob inspiração de seu próprio território de nascimento, crescimento e respiração artística.

Começarei pela observação mais aguda sobre a região amazônica brasileira sob o olhar de intelectuais nacionais. Segundo Afonso Medeiros e Lúcia Pimental (2013), pesquisadores brasileiros, a Amazônia é:

“(...) região que já foi chamada de “inferno”, de “paraíso” e de “eldorado” – se constitui, para alguns, a última fronteira a ser explorada e, para outros, um sacrário a ser preservado a qualquer custo. Para algumas visualidades, a Amazônia é a própria encarnação do último paraíso perdido; para outras, ao contrário, é o “inferno verde”, quente e avesso à civilização eurocêntrica. Visões paradoxais, sem dúvida, mas nem por isso opostas e excludentes. Desde já digamos que a Amazônia não é o território do “ou” que exclui, mas do “e” que conecta e superpõe (Medeiros & Pimentel, 2013, p.1).”

Nossa Amazônia também é território de produção de arte e afeto, de conexão e superposição de saberes ancestrais, de visualidades amazônicas intrínsecas atravessadas pelo desenvolvimento tecnológico, humano e artístico.

Este artigo mostrará outra face da Amazônia, para tanto analisará o Festival Amazônia Mapping que foi realizado na região Norte do Brasil na modalidade virtual, o qual tem a mente artística de Roberta Carvalho (artista visual amazônica) e a alma musical de Aíla (cantora amazônica), ambas idealizadoras e curadoras. Por excelência, selecionaram para tal mostra anual coletiva artistas de distintas linguagens visuais e sonoras, promovendo sempre a inclusão sócio-artística e o intercâmbio entre artistas locais-regionais e nacionais. Tendo por fim projeção, difusão e valorização da arte tecnológica amazônica, além da aproximação entre estilos de arte para maior diálogo entre regiões do Brasil.

As escolhas estéticas e artísticas do Festival Amazônia Mapping

Nas próximas linhas irei analisar a interpretação da virtualidade do festival em suas escolhas baseadas na realidade da região Norte, além de tratar de algumas obras de arte visual que se destacam demasiadas regionais e de inspiração artística de visualidade amazônica. Sob a forma virtual, o festival expandiu-se para outras realidades, a saber: realidade virtual e realidade aumentada. Dupla de realidade mista ou híbrida chamada por Carvalho de “realidades expandidas” para o tema da edição virtual do Festival.

No vídeo de abertura do festival (figura 1) em seu site², somos levados por uma câmera de proposta gamer em VR que flutua, como os barcos regionais pelas ruas aquáticas - rios amazônicos chamados também de ruas - divididas entre o concreto da cidade urbana, o verde plural, os tons de marrom denso da água doce dos rios, as árvores ribeirinhas típicas da natureza amazônica das centenas de ilhas preservadas e circunvizinhas que estão sob o olhar constante e desconcertante da urbanidade ininterrupta.

Figura 1



Imagens do vídeo de abertura no site do Festival de 2020.

Nota: vídeo completo no link <http://amazoniamapping.com/>

O festival lançou a versão da natureza amazônica em 360VR na aventura da realidade aumentada, primeira experiência em RA na arte amazônica. Multiplicando a sensação de expansão da realidade amazônica no isolamento da telas fixas ou portáteis, tão pensada e imaginada para o presencial, mas agora imersa no presente tecnológico já inevitável.

² Para saber mais sobre a proposta de realidade aumentada, visitar a página do festival em <http://amazoniamapping.com/>

Essa viagem de barco relatada acima, termina no espaço virtual em 3D chamado de Ilha Amazônia Mapping onde aconteceram as apresentações das obras de arte selecionadas para esta edição. No entanto, a ilha possuía parte da arquitetura urbana e construções históricas de cidades do Norte, nas quais as projeções foram realizadas - no decorrer das próximas linhas serão apresentadas. Sendo bem explorado para palco de apresentações das obras todos os ambientes da ilha.

O percurso do olhar pelo visual gráfico do festival se fez importante para compreender sua interpretação dos símbolos regionais e locais - mediados pelas realidades virtual e aumentada - representantes da singularidade visual da região Norte do Brasil. Elementos concretos da realidade da arquitetura urbana mista de cidades amazônicas estão presentes na narrativa do vídeo de abertura e, por extensão, no diálogo ambiental que ele almeja mostrar.

Nesta constelação de natureza e concreto, orbitaram obras de projeção mapeada pela cidade imaginada, performances musicais e artísticas, acompanhamos homenagens a ancestralidade feminina indígena em linguagens da arte visual, shows de grupos de tecnobrega³ e guitarradas com mulheres, além do futurismo amazônico-caboclo latente dentre as manifestações artísticas.

Notavelmente, artistas contemporâneos amazônicos são interligados com natureza e cultura regionais, assim como conectados com as novas tecnologias em busca de suportes artísticos, tendo como referência ou suporte natural a própria região amazônica brasileira. Diante deste fato, assumem a construção da ecoestética regional, profícua e onipresente no sistema de arte amazônico contemporâneo. A definição de Medeiros & Pimentel elucida que:

“Ecossistemas estéticos podem ser pensados como processos; dinâmicas; mobilidades; equilíbrios precários; organicidades tênues; inteligências em constante estado de adaptabilidade; conluios do aleatório com o intencional; demo/grafias artístico-estéticas; ecoestéticas (Medeiros & Pimentel, 2013, p.11).”

Paes Loureiro, intelectual paraense, interpreta o movimento de tradução semiótica na arte e na cultura amazônicas. Esta faz-se adequada para a base interpretativa desta investigação no “(...) sentido cultural e emotivo do jogo intercorrente entre homem e realidade”, sendo

³ Tipo de música regional do Estado do Pará, região Norte do Brasil. Fusão da música brega com a música eletrônica.

encontrado “justamente o momento complexo dessa transfiguração simbólica que altera a recepção conceitual e prática dos objetos em sua qualidade e joga com a mobilidade de seu lugar na cultura, que denomino de conversão semiótica (Loureiro, 2008, p. 27-28)”.

Tal miscelânea visual-sonora é uma das características principais da tradução da cultura amazônica e nortista, enquanto que o afeto pela região dos artistas regionais salta aos olhos dos mais atentos, despertando até os mais distraídos. Portanto, o festival ao realizar a sua conversão semiótica da realidade cultural amazônica em tonalidades plurais da expressão artística virtualizada, transformou-se em objeto estético, fruto de tradução visual e simbólica histórica das culturas amazônicas. Eis uma possibilidade do ecossistema estético em sua completude.

As/os artistas do festival

Arte e Ativismo

Os trabalhos escolhidos para a exposição neste artigo defendem a proteção da natureza e da cultura amazônicas, premissas genuínas de resistência do festival. A defesa das culturas de povos originários e afrobrasileiros ganhou destaque nesta edição, como veremos com os trabalhos a seguir.

Em sua projeção mapeada nos prédios virtuais da ilha, Denilson Baniwa (artista de Manaus), relembra a origem do planeta com a mensagem “Acre, Amapá, Amazonas, Pará, RJ, France Terra indígena”⁴. No final da projeção, o artista ainda denuncia que as terras de índios matam seus povos originários, tal morte foi representada na projeção com a simbologia de muitas cruzes vermelho-sangue e preto-escuridão total (figuras 2 e 3).

Figuras 2 e 3

⁴ Para assistir a projeção mapeada completa, acessar o link <https://www.facebook.com/AmazoniaMapping/videos/299561261693516/>

PANORAMAS 2021

15 AL 18 JUNIO
UNIVERSITAT POLITÈCNICA
DE VALÈNCIA/ESPAÑA

VIII simposio internacional
de innovación en medios
interactivos

#20. ART

8vo. Balance-Unbalance
arte+ciência x tecnologia =
medioambiente/
responsabilidad



Obra de Projeção mapeada de Denilson Baniwa 2020.

Nota: trechos retirados da rede social Youtube do festival.

Por sua vez, o artista visual indígena Emerson, expressa em potência máxima arte, ativismo e resistência no país. As imagens das performances selecionadas para a sua projeção, traz a vitalidade da poética e da imagética artística contemporânea indígena. Seu alter ego Uýra Sodoma é explicado no canal do Festival no Youtube, como:

“uma manifestação em carne de bicho e planta que se move para exposição e cura de doenças sistêmicas coloniais. Através de elementos orgânicos, utilizando o corpo como suporte, encarna esta árvore que anda e atravessa suas falas em fotoperformance e performance. Se interessa pelos sistemas vivos e suas violações, e a partir da ótica da diversidade, dissidência, do funcionamento e adaptação, (re)conta histórias naturais, de encantaria e atravessamentos existentes na paisagem floresta-cidade⁵ (Emerson, 2020, online)”.

As performances do artista mais emblemáticas foram projetadas nos prédios da ilha, dando rosto e raízes ao concreto noturno das construções virtuais (figura 4). Outra obra apresentada foi sua performance artística totalmente virtual (figura 5), com um índio gigante desenhado graficamente que dança imponente na ilha virtual. Apresenta-se o desenho do artista em 3D, fundindo a representatividade da natureza da ilha com a referência da performance nos rituais de pajelança e de dias de festividade nas tribos indígenas.

Figura 4

⁵ Declaração do artista Emerson em entrevista para o Mídia Ninja, mídia alternativa militante do Brasil. Vídeo completo disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=3Anlteg88-Y&t=11s>

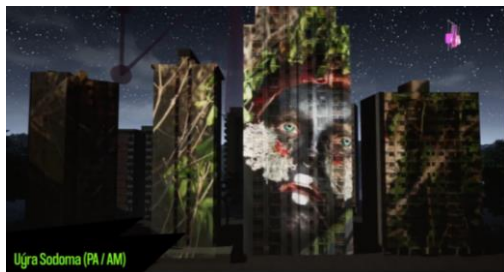
PANORAMAS 2021

15 AL 18 JUNIO
UNIVERSITAT POLITÈCNICA
DE VALÈNCIA/ESPAÑA

VIII simposio internacional
de innovación en medios
interactivos

#20. ART

8vo. Balance-Unbalance
arte+ciência x tecnologia =
medioambiente/
responsabilidad



Projeção mapeada de Uyra Sodoma.

Nota: trecho retirado da rede social Youtube do festival no link <https://www.youtube.com/watch?v=NcKr9DgV8jU>

Uyra Sodoma é tributo a personagem Drag Queen indígena do artista Emerson, a mesma explica a necessidade de sua defesa pela Amazônia contra o contínuo desmatamento dos anos recentes. Em suas palavras:

“Chega de transformar violência em paisagem, não é essa paisagem que a gente merece, não é essa paisagem que a gente quer. E ninguém vai dizer o quê a gente vê e sente é mentira (...)”⁶ (Emerson, 2020)”.

Figura 5

Performance virtual 3D de Uyra Sodoma.



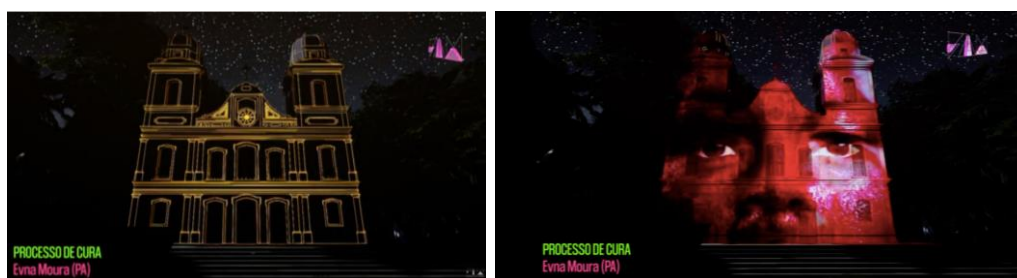
Nota: Trecho retirado da rede social Youtube do Festival no link <https://www.youtube.com/watch?v=k7sdhG9yxvI>

Processos de Cura e Memória Ancestral

⁶ Declaração do artista Emerson em entrevista para o Mídia Ninja, mídia alternativa militante do Brasil. Vídeo completo disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=3Anlteg88-Y&t=11s>

Processo de Cura foi a obra de Evna Moura, artista visual de Belém, projetada na histórica Igreja Matriz de Santarém (cidade da região Norte). Moura trouxe a ancestralidade indígena que sempre esteve atenta ao canto de pássaros e sons de outros animais da floresta. Aí está a ideia da cura da alma pela harmonia sonora que acompanha toda a projeção na qual seremos religados à natureza. O canto dos pássaros e dos animais divide o protagonismo com as imagens projetadas. A igreja, a seu turno, torna-se tela com a projeção do rosto humano com traços fisionômicos regionais (figura 6).

Figura 6



Projeção mapeada de Evna Moura, 2020.

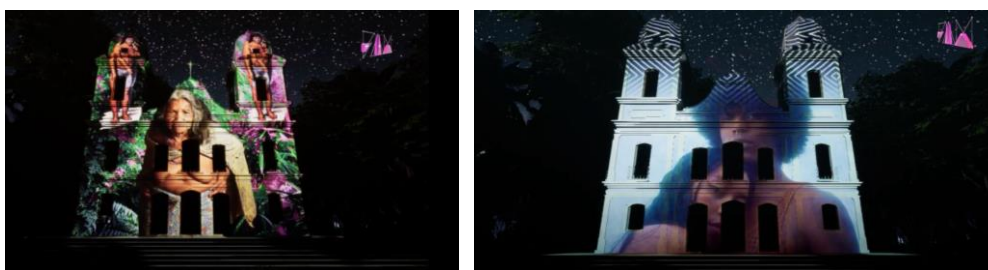
Nota: Trechos retirados da rede social Youtube do Festival no link <https://www.youtube.com/watch?v=gk7xoPIGOh4>

A igreja também foi suporte para as projeções do trabalho Gênesis de Gê Viana, mulher artista visual do Maranhão, e do artista visual belenense Matheus Almeida. Todo o trabalho foi inspirado na linguagem da *videoarte*, contando com a utilização de arquivos de imagens audiovisuais e fotográficas montados em uma proposta de narrativa fílmica. Diante de tantos elementos imagéticos, construiu-se uma espécie de projeção mapeada híbrida. A mensagem da obra aprofunda a idealização do festival e complementa todas as narrativas de outras projeções apresentadas.

A origem do Brasil vigora nesta obra, sendo representada pela mãe indígena, representante da mãe-natureza, bem como pelos povos africanos trazidos para o território brasileiro, sendo projetados nas portas da igreja católica. Mostram, por excelência, sua alma ancestral, preenchida de história e de cultura que o catolicismo não quis compreender, tampouco alcançou sua gênese e sua magistral ancestralidade.

Nesta projeção mapeada (figuras 7, 8 e 9) a mulher indígena toma o espaço da tela como a maior representante matriarcal de nossa história humana, uma verdadeira Pachamama. Provoca-me o reconhecimento de que o mundo foi parido por uma mulher indígena, quanto a esta afirmação: ninguém poderá tirar-lhe o mérito de dar luz ao mundo.

Figuras 7, 8 e 9



Projeção mapeada Gênesis de Gê Viana e Matheus Almeida.

Nota: Trechos retirados da rede social Youtube do Festival no link <https://www.youtube.com/watch?v=z3YZa0o5vzq>

Na programação do “Projetaço” reuniu-se a diversidade brasileira das artes visual e plástica, sendo elaborado dentro de um formato coletivo de projeção mapeada com diversas linguagens artísticas, a saber: desenhos, pinturas, gravuras, ilustrações, fotografias, vídeos, animações, *loops* e formatos visuais livres. As projeções foram ordenadas por temáticas encadeadas.

Transformou, deste modo, as paredes dos prédios urbanos virtuais da ilha em grande tela virtual em uma proposta de museu expandido. Sem mais aquelas trágicas referências das ruínas dos museus e do fim do mesmo, pois o museu resiste e se atualiza com as demandas sociais do século XXI. Analiso tal programação, com chamada aberta de artistas, como uma ação que almejou ser um exemplo da cultura coletiva das humanidades digitais exemplificando o diálogo do compartilhamento, construção de novos saberes, inteligência coletiva, cultura e vida digitais.

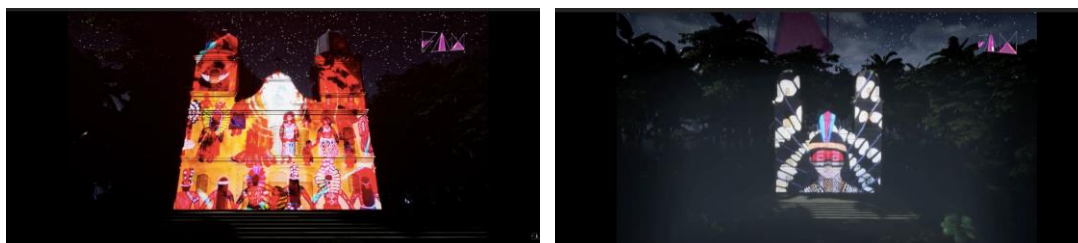
Outra performance que traz o tema da cura pela ação da ritualidade, mas na representação de religiões afrobrasileiras, foi apresentada pela artista visual de Manaus, Keila Serruya Sankofa. Neste projeto, a artista que tem por investigação artística as matrizes e as culturas africanas e afrobrasileiras, realiza um vídeo-performance com elementos materiais simbólicos de rituais afros, como: a planta denominada por espada de São Jorge, água e bacia. Típicos elementos que movimentam a energia da magia da cura e da limpeza do corpo e da alma em diversos rituais de matriz africana.

O processo de cura continua na obra HAUX (figuras 10, 11 e 12) a Vj Carol Santana, artista visual multimídia do Rio de Janeiro, com colaboração da artista Yaka do povo indígena Huni Kuin⁷. Obra que foi explicada pelo seu memorial, a seguir:

“A obra exalta o poder da natureza no processo de cura física, mental e espiritual, enfatizando a Sananga, o colírio medicinal da floresta Amazônica, magia da visão, da coragem, da percepção da verdade em nosso entorno. Um conjunto de forças internas e externas que trabalham a estrutura de equilíbrio e elevação da consciência e dos sonhos. Haux é o dizer sagrado em rituais de cura, é sobre transcender e alcançar a luz. O projeto é em colaboração com a artista Yaka Sales Huni Kuin (Edilene), força e voz feminina da floresta que carrega na crença do seu povo a Sananga como símbolo de limpeza e expansão. Yaka estuda as medicinas naturais com sua mãe e pinta quadros que compõem a narrativa da obra contando a história da sua trajetória. ‘Como mulher, eu quero levar essa força feminina Huni Kuin pro mundo. Pinto pra mostrar nossa resistência e deixar algo bom na Terra⁸’ (Amazônia Mapping, 2020)”.

Figuras 10, 11 e 12

Projeção Mapeada Haux de Carol Santana



⁷ Povos do Estado do Acre, região Norte do Brasil.

⁸ Trecho retirado na íntegra do site do Festival, disponível no link <https://amazoniamapping.com/#2020>

Nota: Trechos retirados da rede social Youtube do Festival no link <https://www.youtube.com/watch?v=EGjSEZpwH4Q>

A obra de Santana, também apresentada na Igreja de Santarém, trabalha com a visualidade de VJ com abstrações digitais intercaladas entre elementos do xamanismo, grafismos e cosmologia indígenas, exalta a presença do feminino e tem no domínio dos quadros as pinturas da artista indígena Yaka. Tais pinturas ganham destaque por serem genuínas representantes da arte indígena amazônica. Yaka Huni Kuin ilustra o sagrado, a cultura e as manifestações artísticas de seu povo.

As três obras das artistas Evna Moura, Keila Serruya e Carol Santana com Yaka Sales representam o movimento atual de mulheres artistas brasileiras de investigar temáticas sobre ancestralidade feminina, modelos matriarcais de cura, desenvolvimento da espiritualidade e reconexão com o sagrado feminino.

Uma das qualidades da arte contemporânea amazônica é traduzir a arte em afeto em tudo o que produz, principalmente na fotografia e, especialmente, em arte e tecnologia. As temáticas amazônicas analisadas nestas páginas, não afetam somente os artistas regionais, mas também aqueles/as que se lançam em propostas de exposições que têm como temática a Amazônia ou seguem a inspiração e o encantamento imediatos pelo evento ocorrer na região.

A grande maioria dos trabalhos do Festival exhibe um tipo especial de projeção mapeada, não mais aquela de frieza e de abstração agudas majoritárias nas produções desse tipo de arte no mundo. Logo, na região Norte torna-se nova representação de afeto, por vezes, humanizando a tecnologia e aproximando públicos diversos das linguagens artísticas mediadas pela tecnologia.

Vale ressaltar que são exemplares as projeções mapeadas pioneiras no Estado do Pará da artista visual e multimídia Roberta Carvalho, curadora desse festival, nas quais árvores da floresta amazônica sorriem ou nos olham comunicando interação semi-humana com a arte. Em especial, o trabalho da artista Symbiosis (2011)⁹, reconhecido pelo pioneirismo,

⁹ Para saber mais, leia o artigo “A simbiose visual de Roberta Carvalho: a árvore humana na arte contemporânea da Amazônia brasileira”, disponível em https://issuu.com/fbaul/docs/est_dio5_2012

demonstra a investigação da artista na junção de arte, tecnologia e natureza na arte contemporânea em Belém do Pará, capital do Estado. Reside nessa obra a gênese da produção artística contemporânea paraense que usa a tecnologia para expandir o afeto humano.

Conclusões expandidas

O ponto mais marcante deste festival foi a ode a cultura, a religião e a natureza amazônicas, dotadas de expressão indígena, africana ou afro-indígena dominantes. Foi clarividente a ligação entre os trabalhos que apresentam um tipo artístico de narrativa visual da história da Amazônia, por exaltarem o valor da memória, da ancestralidade, da história nacional e da certeza da valorização do lugar de pertencimento.

Outra especial característica do conjunto das obras analisadas neste artigo é o constante convite ao público para dialogar com o obra e refletir sobre a sua mensagem. Entretanto, o festival já nasceu com tal direcionamento de valorização da produção artística regional, tendo clara preferência por trabalhos com temáticas envoltas e inspiradas na mística da Amazônia brasileira em sua tradução semiótica artístico-cultural.

Parte da visualidade amazônica foi traduzida nas produções dispostas na virtualização da projeção mapeada, assim como no crédito dado ao festival pelo pioneirismo da novidade da performance em 3D, no uso da realidade aumentada nos vídeos das projeções mapeadas para ver a Amazônia expandida; seguindo as ações na projeção coletiva - chamado de projeção - reunindo os diversos artistas regionais e nacionais. Dando outro tom para a tão comum individualidade de exposição de obras em festivais de *video mapping* pelo mundo.

Portanto, observou-se a expansão de novas experiências de recepção, interação e fruição da obra de arte. Difícil não revisitar minhas outras produções intelectuais sobre a arte amazônica brasileira, as mesmas conclusões são ouvidas novamente, pois esta produção artística regional, “integra-se nesta análise a possibilidade do uso da Amazônia como suporte, elemento, cenário, matriz, talvez: retorno à origem. Um eterno encontro de elementos locais e regionais diversos que transbordam em obra de arte (...)” (ASSIS, 2019).

Por fim, o festival analisado conecta o território amazônico ao universo virtual da arte. Invadiu uma ilha sem destruí-la, acampou em seu território sem matar qualquer vida que habita ali, promoveu artistas que pensam e traduzem sua arte local, regional e nacional na e para a Amazônia brasileira. Conclui-se que natureza e a cultura amazônicas na região Norte do Brasil, por vezes, são as próprias obras de arte, objetos de culto e de memória.

Referências

Assis, S. A. B. de (2019). A artemídia na obra-processo Água da artista Val Sampaio em seu fluir afetivo pela região Amazônica. *Revista :Estúdio 27, Artistas sobre outras Obras 10 (27)*, 153-159. Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Portugal.

Assis, S. A. B. de (2012). A simbiose visual de Roberta Carvalho: a árvore humana na arte contemporânea da Amazônia brasileira. *Revista :Estudio 5, Artistas sobre outras Obras 3 (5)*, 100-105. Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Portugal.

Medeiros, A. & Pimentel, L. (2014). Ecosistemas Estéticos. *Anais do 22 Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas ANPAP'2013*. Belém: ICA, UFPA.

Loureiro, J. J. P. (2008) A arte como encantaria da linguagem. São Paulo: Escrituras Editora.